

Vislumbres do caos que está por vir

Consulta médica marcada há quatro semanas para às 18:30hs, por concessão do médico, sabedor de meus horários profissionais. Previdente, saio do trabalho às 18hs, com folga mais que suficiente, penso, para chegar a tempo. Ledo engano. Do Ministério onde trabalho, para chegar à Rodoviária e pegar o início do eixão norte, normalmente bastariam 5 minutos: passo ao lado do Senado, saúdo a Themis sentada à frente do STF, circulo as cúpulas do Congresso Nacional (sua tinta branca descascada e descuidada, alguém se preocupará pelo símbolo arquitetônico da capital?) e pretendo seguir pela ampla avenida, até a entrada do eixo rápido. O inesperado acontece (só mesmo para quem ficou fora de Brasília 7 anos...): nesse curtíssimo trecho fico estancado, trancafiado, por 30 minutos. Com um único CD no carro, Miles Davis toca e retoca *Dear old Stockholm*. Ao ritmo de metros (centímetros) por minuto, o único exercício possível é o da paciência. Luzes, faróis, veículos se cruzando, se cortando, em um balé forçado, ônibus barulhentos que soltam sua fumaça com a tranquilidade de quem está salvando o meio ambiente. Sinto agora na pele aquele mesmo desespero que, apenas virtualmente, acompanha-se às vezes no noticiário da TV, cenas de quilométricas filas, do trânsito tartaruga, dos acidentes a cada instante, da falta de vias de escape?

Finalmente chego ao início do eixão norte. Agora, penso, estarei lá em 10 minutos. Ledo engano II. Os pardais do eixão têm o seu merecido descanso, podem voar longe, tamanha é a lentidão dos (surpreendentemente) silenciosos motoristas que tentam chegar logo ao merecido descanso. Final da Asa Norte, dobro à direita, feliz de não ter que seguir na fila indiana, paquistanesa, chinesa, que vejo a minha frente dirigindo-se ao Lago Norte. Dobro, viro, evito, sigo, mas quando chego ao edifício, o médico - primeiro médico pontual que encontro na vida - já saiu, apesar de meu atraso de meros 20 minutos. Alguém, em toda sua vida, já foi atendido pelo médico exatamente na hora marcada da consulta?

Cabisbaixo e um pouco, só um pouco, raivoso, me pergunto porque isso aconteceu, se não vivo nas grandes metrópoles, se lá já não vivo, deixei-as para trás, aliviado, para não ter mais que enfrentar o caos, o hades, o inferno cotidiano das urbes que cresceram demais, perderam seu senso de proporção, sua dimensão humana.

Pego o fim da W3 Norte (também chamada "faixa de gaza", poderia haver melhor apelido?), viro à esquerda, desço as decadentes entrequadras (alguém terá jamais pensado em pintá-las? alguém pensará em oferecer redução no IPTU para recuperar o aspecto de feiras desengonçadas que se tornaram?), reentro no Eixão, direção ao extremo oposto, fim da Asa Sul, já pensando que poderei, pelo menos, ainda fazer um jogging vespertino, para relaxar. Ledo engano III. Atravesso o túnel da Rodoviária (alguém andarás pensando em embelezá-la um pouco, esse monstro no coração do eixo, outrora considerado monumental?), Miles toca agora *Bloplicity*, o CD já voltou à faixa 1, quando vejo o mar de luzes, carros freando, o ritmo de tartaruga se impondo (alguém do projeto Tamar não

quer se aventurar?), a paciência em pé de guerra, “exercitada”, outra vez. Do lado direito e esquerdo da pista conto já o quarto ou quinto veículo parado, quebrado, atrapalhando o tráfico.

De repente, cena inusitada, vejo carrão (importado? não dá para distinguir, devido à velocidade) transitando pelo meio da pista, entre os olhos-de-gato, tentando (imagino) ganhar tempo, metros, desviar um possível acidente à frente? Uma dezena de minutos depois, primeira explicação parcial: dois carros chocados (menos que eu), no meio da pista, estragos moderados, motoristas conversando tranqüilamente, à espera (provavelmente em vão, nenhuma sirena ou polícia à vista). Mas explicação meramente parcial, pois o trânsito, contra a expectativa (que, confesso, já não era muito alta), não melhora a partir daí. O mar de luzes vem em ondas, a lentidão engole todos os habitantes daqueles quilômetros quadrados, solidários em seu silêncio (nada de buzinas, sinal de maturidade no meio do caos geral?), pedestres afoitos continuam a atravessar, agora com chance de sobreviver mais elevada, pois o ritmo é do projeto tamar. Tamar mesmo... Olho para os lados, carros não mais controlam o incontrolável, dobram para a outra pista, enfrentam os riscos, desistem do destino original e seguem na outra direção, ou buscam ainda rotas alternativas (existirão?). Mas não as há, em português castiço. A confusão de luzes, de faróis, se estende por todos os lados, eixão, eixinho, rogai por nós que vamos devagarinho, habitantes desse quilômetro de caos quadrado. Passam-se, arrastam-se alguns metros, Miles já está em *Autumn leaves* (sim, Miles, as folhas mortas se recolhem com a pá), e vejo, mas não quero acreditar, mais um, mais dois, carros parados à beira da pista, não se sabe se quebrados, alquebrados, sem gasolina, sem fôlego? Do meu lado, emparelha vistoso corcel negro, a placa informa que é do Senado Federal (a caminho do aeroporto? afinal é quinta-feira), não há imunidades no caos democrático, todos ficamos parados.

O tempo passa, já conformado que a corrida ficará para amanhã, é hora de pegar a tesourinha. Ainda bem que apenas de apelido, de verdade seria perigosa nesses momentos. Tesourinha, como fazes para emparelhar essa quantidade de volks, fiats, hondas, renaults, chevrolets, milimetricamente alinhados, ansiosos por lançar âncora, apagar a fumaça, virar gente, bicho humano outra vez? Tesourinha, não foste feita para a Brasília de dois milhões de almas e um milhão de competidores sobre rodas, tuas dimensões estreitas desenhadas, rabiscadas, para a paisagem bucólica da cidade interiorana, sem semáforos, de terra vermelha e mangueiras sombreantes.

Quebro, afinal, a tesoura, vislumbro salvação, sigo reto, me alegro com minha entrequadra decadente e descascada (mas é a minha!), faço o contorno, entro no bloco. Desço do carro. Viro gente. Lembro das megalópoles, me oprimo por Brasília: possível ainda vislumbrar salvação para o caos urbano que virá?

Deixo o rádio ligado: Miles entona “Someday my prince will come”: não Miles, ele não virá, não virá, ficará perdido, aturdido, no mar de luzes, nas ondas de faróis, do fim de dia de Brasília.